

MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como póiesis*. São Paulo: Cortez, 1992.142p.

O livro de Joel Martins, que se constitui numa análise dos enfoques contemporâneos sobre currículo, representa uma contribuição na discussão de modelos que historicamente influenciaram a educação brasileira. Tratando de um dos mais importantes aspectos educacionais — o currículo —, trazendo-o à tona sob a perspectiva fenomenológica, indica outras possibilidades de se estar no mundo, construindo-se enquanto ser humano.

Seu livro é fruto de reflexões organizadas pela Dr^a Vitória Helena Cunha Espósito, a partir de suas anotações e dos textos escritos para o primeiro curso de inverno na PUC/SP — Programa de Supervisão e Currículo, sob o título Fenomenologia e Currículo, considerado por aquela pesquisadora como "um dos mais belos encontros de educadores" que vivenciou.

Encontram-se neste livro os fundamentos de uma percepção de currículo como "trajetória a ser vivida pelo ser humano na produção da cultura" (conforme afirma Espósito), bem como bases para se considerar o que coloca a apresentadora do referido livro, professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo: "pensar o currículo seguindo a trajetória do *habitando*, *construindo* e *fazendo*" o que "é possível vivendo o mundo da educação... enveredando o aluno, ouvindo o que ele nos diz, procurando falar (fazer) o que pensamos para que ele e nós sejamos", como diz a apresentadora.

Em três partes precedidas do texto "A vida e a morte de Sócrates e preliminares: currículo e fenomenologia", o autor nos faz refletir sobre a questão do movimento do ser, do mundo e a relação existência-essência, considerando o interesse da educação e a necessidade emergente de modificação das condições humanas na sociedade.

Sob a perspectiva fenomenológica, o autor propõe uma linha filosófica como premissa curricular que, em articulação com a vivência, possibilitará trazer à tona e tornar visível o que está oculto na relação homem-vida, para o fazer da transversalidade a partir da

existência-essência que se manifesta e, ao se desvelar, projeta-se recuperando a subjetividade do ser humano.

Essa transversalidade para o autor significa um "re-criar interminável e sempre inacabado", pois, segundo ele, o ser humano é sempre um ser de possibilidades.

O objetivo da reflexão é iluminar a idéia de currículo, utilizando os recursos da Fenomenologia que, no conjunto das relações conscientes e interacionais, faz emergir e mostrar-se o que está oculto para o *transfazer*.

Essa reflexão nos remete a uma outra dimensão e possibilidade de análise do currículo o que, para o autor, é equivalente à Educação.

Inicialmente, o autor propõe reflexões abordando uma filosofia da Educação fundamentada na Fenomenologia que surge na segunda metade do século XX, a partir das investigações de Husserl e Martin Heidegger, que considera o estar no mundo como característica essencial do existire a interpretação como o objeto da descrição fenomenológica do existir. Por esta razão, a Fenomenologia é hermenêutica.

A construção de suas reflexões pauta-se nos pressupostos dos precursores da Fenomenologia ao tempo em que desenvolve seu tema correlacionando os princípios fenomenológicos à atividade humana, enfocando o currículo nessa perspectiva.

Sua obra culmina com textos históricos de currículo sobre os quais propõe uma leitura crítica, inserindo-se aí um sumário e conclusões a respeito do currículo.

Na reflexão desenvolvida pelo autor, a Fenomenologia constitui-se em metodologia para a filosofia, rompendo com a relação cartesiana sujeito-objeto, delegando à ciência filosófica subsídios de captação do ser através da atividade humana intencional e consciente.

Dentre a diversidade contemporânea na filosofia da educação, o autor compara "a ênfase numa filosofia pública de educação; uma filosofia de educação fundamental na Fenomenologia e uma filosofia profissional de educação", distinguindo a segunda por

possibilitar melhor conhecimento qualitativo e por fundamentar-se na descrição do mundo tal como é experimentado.

O autor levanta um questionamento quanto à possibilidade de convergência entre as três linhas metodológicas objetivando o "papel educativo da própria vida".

O autor afirma ainda que a educação é um processo social assim como a linguagem, criado e projetado pelo poder dominante como uma consciência de mundo. Observa, também, uma concepção da educação que envolve a transformação da experiência pessoal e da consciência. A Fenomenologia tem por objetivo a essência do ser, ou seja, o próprio fenômeno, proporcionando a habilidade de melhor conhecimento dos "mundos-vidas" fazendo com que ele seja entendido como é, a partir da vivência e experiência. Utilizada como metodologia, a intencionalidade e orientação da consciência na descrição do mundo para o objeto, que é o que aparece, ou o que se deixa evidenciar.

Dessa forma, a Fenomenologia na educação é caracterizada pelo autor enquanto superação da concepção racionalista e pragmática ao considerar uma relação entre o "noesis" (sujeito) e o "noema" (mundo), mediados pela intencionalidade, ou seja, consciência em estado de alerta.

Para o autor, o ato de educar pressupõe que a existência do homem supõe a existência do mundo. Esse aspecto constitui o elemento político do ato de educar, o qual é aí considerado por Martins como *poiesis* (movimento) do indivíduo, enquanto ser em constante trajetória, entre a construção da consciência e o mundo, ou seja, entre o (EU) *noesis* e o (MUNDO) *noema*.

As atividades do currículo na perspectiva fenomenológica são orientadas pelo indivíduo, entendendo-se esse como um "ser sociedade", resgatando a dialética da essência humana, entendendo-se o ato de educar como uma correlação *noesis-noema-noesis*, imprimindo o caráter de *poiesis* no próprio movimento do ser ao construir-se.

Assim, segundo o autor, as atividades de um currículo em um enfoque fenomenológico tratam a relação sujeito-objeto sem distinção. Não cabe, nesse enfoque, a distinção entre o objetivo e o subjetivo. O subjetivo na "*poiesis*" não se resume à individualidade

e singularidade. É uma construção social, que acarreta no indivíduo as marcas da história, e esta é por ele construída.

Para Martins, o *currículum* "é um instrumento de trabalho, onde estão incluídas todas as atividades em que a escola se concentra para adaptar os indivíduos às condições de vida que ele deve viver".

Na concepção do autor, o currículo pressupõe o levantamento das forças que determinam e das condições que orientam e operam a cultura vigente. Propõe ainda o que consideramos um desafio aos educadores: a tentativa "útil e imprescindível" de identificar e classificar essas forças que operam momentaneamente na sociedade.

O debate que se trava no texto de Joel Martins permite considerar os pressupostos do trabalho humano enquanto uma ação social e criativa, política e combativa que se faz em um ambiente de solidariedade e comunicação.

Por fim, fica evidente a importância do currículo no planejamento colocado como elemento fundamental e norteador da atividade de ensino e como indispensável prerrogativa da unidade escolar.

É possível pontuar ainda que uma compreensão do ato de educar, enquanto fazer social, ancora-se em uma análise estrutural e explicativa dos movimentos das relações que se estabelecem entre o *noesis* e o *noema*. Essa análise exige que se leve em conta os planos do sujeito e do objeto como elementos Complementares e constitutivos entre si.

A Fenomenologia, em Martins, tanto resgata esse aspecto original, desenvolvido por Heidegger e Husserl, como abre possibilidades para uma nova abordagem de currículo, o qual é, então, visto como a poesia que se faz no movimento do ser.

Ester Maria de Figueredo Souza e
Leliana Santos de Souza
Universidade Federal da Bahia(UFBA)